
Politica



1 9 3 1

Ano II

N.º 18

REDACTORES { *D. Mascarenhas e Silva* (F. D. U. L.)
F. P. d'Almeida Langhans
Miranda da Rocha (F. D. U. C.)
M. Pinto Barreto (F. E. U. P.)

EDITOR — *Nicolau Monteiro* (F. D. U. L.)

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.ª (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol e Santa Catarina, 40-A, 1.º

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. Augusto Costa & C.ª L.ª — Largo do Barão de S. Martinho BRAGA

SUMARIO

vento Leste	<i>Hipólito RAPOSO</i>
ainda o banquete do Luso	
Porque será?!!!	<i>Abrantes TAVARES</i>
cinema: uma nova arte	<i>D. Mascarenhas e SILVA</i>
a proposito do PLANALTO de Fausto José	<i>Francisca Cunha LEÃO</i>
ao ritmo de ampulheta	

ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e ilhas	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro.	20\$00

Numero avulso 1\$50

José Guilherme Ayala Monteiro
ADVOGADO

Rua dos Douradores, 72, 3.º D.
Telefone nr. C. 509

Artur de Campos Figueira
ADVOGADO

Rua Nova do Almada, 54, 2.º
TELEFONE CENTRAL 3024
LISBOA

Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DAS JUSTAS ESCOLARES DE LISBOA, COIMBRA E PORTO
DO INTEGRALISMO LUSITANO

Director: ASILDO PINTO DE LEMOS

Redactor-principal: A. DO AMARAL PYRRATT (P. D. U. L.)

Lisboa, 20 de Janeiro de 1931

vento Leste

A CONTECIMENTOS politico-militares ainda recentes e bem conhecidos de todos, levaram para as bandas de Espanha a preocupação do nosso melhor cuidado nacional.

Os pronunciamentos de 12 e 15 de Dezembro e a energica repressão que os afogou em sangue, revelaram a uma evidencia maior a enfermidade politica que está ameaçando o País vizinho na sua grandexa e integridade.

Diz-se hia que o velho Reino, já cansado de suportar um signo de prosperidade e paz social, pretende sacudir o seu tédio, agitando os farrapos de uma ideologia sonora, mas ôca, que reduz a Espanha, no meio da Europa, a um caso de arcaismo politico.

E' certo que, mais ainda do que alguns países do Norte, foi a Espanha a venturosa beneficiária da Grande Guerra, em quatro anos de risonha, farta e consolada neutralidade.

Enriquecia a Espanha, enquanto as outras nações se arruinavam: conservou indemne de perigos e cubiças o seu território, viu valorizada a sua moeda, accrescidos os seus recursos industriais, aperfeiçoada a sua tecnica agricola e até aumentada a sua importância politica em concorrência victoriosa nas posições da paz, em relação aos povos que na fogueira queimaram vidas e fazenda.

Chegava a parecer um privilégio egoísta a posição excepcional que os nossos vizinhos se criaram, ou, mais propriamente, lhes soube preparar e manter a acção politica do seu Rei.

Foi nesse campo de experiência com esforços e sacrificios heroicos, que muitas almas despertaram valorosamente e os povos aprenderam a derrubar ídolos e a firmar convicções.

Dessa luta de interesses económicos entre imperialismos de industria e comércio a que, por simples decoro, se emprestou um ideal em

caricatura, não recebeu a Espanha lição de proveito, parecendo até que as compensações materiais da Guerra lhe acenderam em mais alta chama as azas daquela mitologia política que a mesma Guerra desmascarara.

Nos três ou quatro primeiros anos de paz irrequieta, por tal forma se agitou a farandola dos políticos que a espada de Primo de Rivera teve de erguer-se para lhe pôr termo. Durante quasi sete anos de governo forte e próspero, ao nosso parcer de estrangeiros, em que se resolveu a questão de Marrocos e se acentuou o progresso material de Espanha — a intelligencia política não acompanhou a acção do Poder, não se criou um estado de consciencia capaz de reagir contra a catástrofe que ameaça o Reino e a Nação que assim caminham, cegamente atremessados, à procura da redenção na perda, como navio que lóbrigasse o porto de salvamento num rochedo de naufrágio...

O melhor instinto de conservação pouco mais tem a opôr do que a força ao impulso dissolvente em que já estremece a Espanha, às vésperas de uma sanguinária anarquia.

Velhos políticos monarquicos consolam secretamente ou ás claras o azedume dos seus despeitos contra o Rei, aplaudindo os progressos da redenção republicana, na qual devem participar e preponderar, em prêmio de convivencia ou traição.

A tais chefes poderíamos nós oferecer as etiquetas com que a nossa história política classifica os conselheiros do 4 e do 5 de outubro de 1910.

Nous en avons ou bien d'autres... Monarquicos sem doutrina, sem convicções nem lealdade, eles consideram-se vencidos de antemão pelas transigências e conluos com inimigos do Trono.

Contra a Democracia Política em toda a parte se reage, no poder ou contra o poder, com mais ou menos efficacia.

Na Espanha que se agita e prepara para uma *parçuela* política que para nós seria curiosa de vêr, como experiência de vida já vivida e sofrida, se não degenerasse em vendaval trágico — só em limitados sectores o pensamento contra-revolucionário ou reaccionário tenta as primeiras investidas.

O ensaio de agora, em que morreram soldados, officiaes e gente do povo, em que foram fuzilados em processo sumário os que ameaçavam fuzilar sem processo, constitui uma demonstração do que deva ser o *período do resgate* em perspectiva.

Terá a Espanha forças, recursos de instinto para conjurar a catástrofe?

Pode a Intelligencia política espanhola encaminhar-se para o desígnio de converter em reacção aggressiva a attitude de quasi passividade em que a temos visto?

Ninguém o deseja mais do que nós, que, seguros para sempre da nossa independencia, somos e queremos ser amigos da Espanha.

A sua crise actual, não o esquecem aqueles que já foram provados por todas as adversidades e instruídos pelas mais duras experiencias, é, primeiro que tudo, uma crise de intelligencia.

Há um ano perguntei a um amigo, grande de Espanha, cujo espírito se libertara já dos grosseiros sofismas democrático-parlamentares, se em 25 milhões de compatriotas seus não haveria 25 homens a pensar como ele, como nós. Respondeu-me a sorrir que não os conhecia...

Neste estado de *tuocência*, fácil é explicar o tumulto e a desordem intelectual do Reino vizinho onde as próprias linhas de combate não estão delimitadas.

Os que defendem a Monarquia, não o fazem pelo império de uma convicção arreigada: defendem-na por dever militar, por dedicação pessoal, por contradição ou por medo do que possa vir...

Deste modo, os revolucionários contam do lado do Rei com um grande exercito de aliados e de cúmplices.

Se daqui a dois meses abrissem o parlamento, as paixões subiriam em maré alta, com impeto mais indomável num reduto onde a guarda civil não pode intervir: o governo tentaria abafar com petróleo um incêndio que, à falta de razões políticas, só com sangue é possível apagar.

As tristes reflexões a que nos leva a situação da Espanha, gostáremos de vê-las desmentidas por uma conduta decisiva, no combate às ideias e aos planos sinistros que de dentro ou de fóra do Reino de S. Fernando, visam a destruir a unidade e a grandeza de uma das mais preciosas nações do mundo.

Em qualquer contingencia, não esqueceremos o nosso claro e imperativo dever de Portuguezes.

Se o destino histórico da Espanha lhe reservasse uma grande expiação, não a poupando ao sacrificio que antecede os periodos de resgate, se as suas lindas cidades viessem a transformar-se em vastos cemitérios, nós saberíamos revigorar o Poder, tivesse ele a forma que tem ou tenha a que tiver, para salvar a ordem social da tradição cristã da Península.

Poderá a própria Rússia interferir aberta ou encobertamente em Espanha. Isso importa-nos muito, mas inquietar-nos-la dolorosamente, se em Portugal não houvesse uma intelligencia política esclarecida, braços e armas para aniquillar os estrangeiros e os maus Portuguezes que desvairadamente sacrificassem tudo e todos às suas paixões e despojos.

O caso de Espanha, sobre o qual desejariamos vêr pairar uma bandeira serena de esperança, interessa-nos e preocupa-nos. Mas conhecer e saber diagnosticar a doença pela identidade dos syndromas, poder julga-la e prever a sua marcha, já se afiguram condições favoráveis de defesa para nós outros que, não devendo intervir na acção do ataque, podemos ter que evitar ou combater um perigoso contágio...

Hipólito RAPOSO

A República Portuguesa continúa dando ao mundo o mais expantoso e inacreditável espectáculo: — existe.

Ramalho Ortigão — U. Farpas, pág. 181.

ainda o banquete do Luso os discursos — I) de Alberto de Monsaraz

Camaradas e Amigos:

As horas desta cruzada nacionista foram todas horas de fé; mas esta que vivemos, tão proxima do triunfo, é, mais do que as outras, uma hora de esperança.

Quando, sob minha direcção, appareceu a «Nação Portuguesa», em 8 de Abril de 1914, Mussolini era director do «Avanti», órgão socialista de Milão. Governava a Italia, se não estou em erro, Giolitti — o Fontes italiano — que desenvolvera, em 60 anos de vida politica, a prosperidade material do seu país, atrofiando-lhe entretanto, mau grado Crispi, as energias patrioticas e o anseio imperialista.

Em França, feitas as eleições contra o vago renascimento nacional que votára a lei de conscrição dos 3 anos, alçara-se ao poder um gabinete radical. Em Inglaterra havia anos que os liberais eram governo com Asquith e Grey. Por Hespanha era presidente do conselho qualquer Romanones ou qualquer Prieto, desses cujo nome figura pela ultima vez no convite do funeral. Nos imperios centrais e na Russia uma aristocracia emburguezada, catolica, protestante ou orthodoxa, dirigia tranquillamente os imperantes, as assembleias e os povos. A «Action Française» tinha 5 anos de existência, como jornal diário, e embora já fosse considerável o prestigio intellectual de Maurras, a verdade é que a pequena *equipe* do nacionalismo francez, mal ferida na questão Dreyfus, em que se batera galbardadamente contra os meios politicos e intellectuais da capital, crescia entre mil dificuldades, no ambiente profundamente maçonizado da epoca.

A falange italiana da «Idéia Nazionale» adquiria, graças à Monarquia, mais força numerica, levando mesmo alguns deputados ao parlamento, mas não lograva lançar raizes nas profundas camadas populares, que o partido católico, liberalista impenitente, partilhava com o socialismo revolucionário.

A Europa refastelava-se num fôto e comodo burguesismo, digerindo os beneficios e as benesses dum seculo inteiro de democracia materializante e de materialismo baixamente igualitário. Guizot bradára à nova casta de parasitas da finança, do commercio e da industria, que um maquinismo satânico multiplicára e que tentavam nivelar-se com os restos duma nobreza decapitada: «Enriquecei-vos, enriquecei-vos...»

E esse brado foi ecoando de geração em geração, sacrificando-se gostosamente a espiritualidade ao bem estar, a alma ao corpo, a intelligência ao sensualismo, numa palavra a vida à existência.

Foi no meio deste festim intermaçonico, onde a Seita se proclamava Senhora do mundo, que estalou em pânico, num estrépito estralante, a primeira granada da grande guerra.

A Edad Burgueza suicidava-se...

Quatro anos depois o clarim do armistício anunciava a Era-Nova, encerrando o ciclo de desnacionalisamento, sem freios, na ordem política e moral que se iniciara com a primeira machadada na Bastilha.

A Humanidade, sacudida pelo heroísmo da guerra, a golpes de chicote e chicotadas de metralha, despertava desse beatífico torpor, em que mergulhara como num sonho.

O sonho tornava-se pesadelo. Do pesadelo ia finalmente reaccor-dar tomando consciência de si própria. Lembro-me dos sorrisos de ironia com que foi recebida a «Nação Portuguesa» nos meios monarchicos e republicanos do liberalismo indigena.

Sem a guerra vegetarianos ainda, como a «Action Francaise» e a «Idea Nazionale» antes de 1914.

Foi o abalo, o estremecimento celular produzido pela metralha no corpo de doutrinas e no ritmo social do Estado Burguez que hoje permite a nossa propaganda entrar, como revulsivo, nesse velho organismo, mais do que intoxicado, putrefacto.

Esta hora é de esperança. Por toda a parte, até nos conselhos do governo, a ideia nova infiltra-se, caminha...

Segundo a expressão de Barbey d'Aurevilly, a *Democracia não é a lei do mundo moderno: é apenas a sua punição.*

Achamos que o castigo já basta.

A Europa sai das entranhas da Maçonaria, baixamente interesseira e hipócrita, como dum gabinete de torturas. O ultimo tiro da grande guerra, no outono de 918, arrombou-lhe a porta, libertou-a. Mas observeis, e Wilson? e Briand? e Mac Donald? — Sombras vagas que se agitam, sobreviventes, que se agarram às ultimas taboas — talvez para terem ainda a consciência de que morrem impenitentes.

Do outro lado, do nosso, gravam-se perfis de Chefes populares, como medalhões, nos frisos da História: E' Mussolini, o grande, o maior de todos, primeiro realizador do Estado-Novo, Bonaparte da Contra-Revolução.

E' Mustafa Kemal, que fala em democracia como num dissolvente para melhor desfazer, em nome do jovem nacionalismo turco, esse velho império teocratico, enfeudado ao maçonismo occidentalista; — Mustafa Kemal que é chefe do seu governo, maioria e opposição da sua assembleia, senhor e tirano dos cidadãos seus vassallos.

E' Alexandre da Jugo-Slavia que assumiu o regio poder pessoal para conseguir federar as várias regiões insubmissas do novo reino que conquistara.

E' o Marechal Pilsudsky, restaurador da Polonia, que relembrendo-se de que as dissensões, as rivalidades da Dieta provocaram no seculo XVIII o retalhamento da Nação, travou com o parlamento actual uma luta decisiva em que acaba de triunfar.

E' Hitler, invocador dos deuses do Walhalla, de cujo crepusculo de derrota pretende que surja e rompa a nova aurora da raça germanica.

E' Staline, o ditador Vermelho, mantenedor do comunismo, cons-

ciência negra de crimes — é certo — e mãos ensopadas em sangue; mas diante do qual tremem de susto, de pânico, de pavor os nossos burguezes conservadores da democracia ocidental.

Mussolini e Hitler podem falar-lhe, compreendê-lo, porque os extremos tocam-se. Briand, personificação dum século que agonisa, olha para ele como para um algoz. Entre Briand e Staline, se por absurdo tivesse politicamente de optar, num dilema rígido, sem elementos de correção, a minha escolha estaria logo feita: — preferia Staline, não resta duvida.

Adopto o programa sintetico do pretendente Grão-Duque Cyrilo — *os sovietes com o brânco*.

Porque nós homens novos, se pertencemos ao Passado pelo sentimento, como dizia Bonald, pela intelligência pertencemos ao Futuro.

No Presente, neste presente, ainda vividos de tantos germens pestilenciosos, só podemos viver lutando, lutando por destrui-lo, por transformá-lo, por refazê-lo à imagem e semelhança do nosso pensamento criador.

Somos inovadores, inovadores revolucionários, conservadores isso é que nunca! De que há, sob o aspecto politico, nada há que conservar. A dissolução social, a anarquia de sentimentos e ideias, a podridão dos costumes, a liquidação das consciências, a inconsciência das atitudes e dos processos — tudo isso tem de ser consumido pela chama da Ideia Nova, rutilante e purificadora.

Os que se agarram às ruínas duma idade carunchosa é que são os reacionários. E bom que isto se afirme, que isto se repita, que isto se saiba. Nós outros, homens de amanhã, somos avançados por convicção e sentimento das realidades.

Somos revolucionários constructores da Cidade Futura. Ordem. Disciplina. Hierarquia. Autoridade. Continuidade. Unidade. Trabalho. Organização. Descentralização. Autonomia. Já são agora lugares comuns na linguagem do poder publico.

Quantos que foram incredulos ou ironicos por indiferença ou por hostilidade admiram hoje essas limpidas facetas do Estado Novo — essas multiplas folhas de acanto, desabrochando em capitel na coluna da verdade politica que heroicamente tentamos erguer à glória e para a glória da Pátria.

Alguns escravos — porque todos somos escravos em quanto não libertarmos a Nação — foram calado, em plena luta: uns sacrificando-se voluntariamente pela causa comum, outros abatidos por um destino adverso antes da hora do triunfo, três dentre elles porventura cansados de tanto vê-la tardar.

Consenti que nesta primeira reunião fraterna em que retomo a palavra, depois de longos anos de silencio forçado, relembre esses amigos mortos, integralistas filiados ou francos atridores na ala direita deste troço de cavaleiros.

Tenho a impressão de que bradando pelos seus nomes, num chamamento que poderá ser apelo guerreiro ou invocação ritual, elles, as

suas almas — sentimento, inteligência e vontade libertas — aproximando-se das nossas almas fortes de cruzados, saberão incutir-lhes, talvez melhor do que dantes, toda a fé e todo o entusiasmo que traz a certeza atestada da vitória.

Sentido :

António Sardinha
Adriano Xavier Cordeiro
Homem Cristo Filho
Manuel Refoços de Manizes
Guilherme de Faria
Tenente Alexandre Cabeças
Tenente Manuel da Costa Alemão
Tenente Carlos da Costa Alemão Teixeira
Alferes Bernardo de Albuquerque
Capitão Aníbal de Azevedo
Tenente Alfredo de Moraes Sarmento

Peço para eles um minuto de silencio e uma prece mental.

Agora olhemos para amanhã:

Na vizinha Hespanha sopra um vendaval de loucura numa floresta expressa de ignorancia.

Os artigos e os discursos, não só dos chefes de partidos — primários por natureza — mas dos intellectuais, personalidades algumas de raro valor scientifico e literário, deixam-nos atônitos...

Dir-se-lhe que a mentalidade dessa gente, desde Valletucian, o poeta, a Menendez Pidal, o historiador, floresce numa estufa aquecida à temperatura do século XIX.

Esses homens de letras e de sciencia parece terem adormecido para a Política há seis ou sete décadas e acordarem agora com as ideias e sentimentos que tinham quando adormeceram.

A endosmose psiquica, o contagio do pensamento moderno não penetrou, não galvanizou a Hespanha, como se todo o reino se encontrasse blindado por um revestimento de chumbo.

E o que é mais grave para elles, hespanhoes, é que o próprio Rei não deve perceber mais do que elles, nem mesmo perceber que elles não percebem nada. Digo para elles, hespanhoes, pois, quanto ao que nos diz respeito, julgo que nada teremos a perder com uma desarticulação da Hespanha, que não desejamos, mas que é inevitável, como a fatalidade, no em que os nossos vizinhos suprimirem, com a pessoa do Monarca e com o facto da Dinastia, o principio federador central.

Afastando, por improvável a hipótese de que os republicanos de Madrid se tornem expansionistas, à semelhança dos jacobinos de 93 — os tempos mudaram — e procurar, na evocação do sonho ibérico, a força centripeta de coesão que aniquilaram — afastada essa hipótese inverosímil, até estou em crer que a nossa posição de arbitro natural entre os Hespanhoes, como antes de Toro, só poderia favorecer essa aliança po-

peninsular visionada por António Sardinha. E' com gostosa comoção que, neste dia 1.º de Dezembro, 290 anos depois da Restauração, proclamamos aqui a necessidade dum fraterno accordo peninsular.

A Aliança Luso-Britânica, pelo que rezam os tratados e sobretudo pelo que se acha confirmado na prática — uma prática secular — tornou-se há muito um axioma diplomatico sobre o que é ocioso e inútil insistir.

Mas adentro dos quadros da Aliança Inglesa caberá facilmente o accordo peninsular, tanto mais facilmente quanto nós, estado forte em face duma Hespanha retalhada e enfraquecida, dominaremos sem duvida a Peninsula, aumentando assim, para os interesses do «Foreign Office» o valor e o peso duma aliança defensiva tanto na guerra como na paz.

Realizado o entendimento entre os diplomatas e os Estados maiores das duas ou várias nações ibéricas, poderá a Inglaterra dispor de bases navais para as suas esquadras em todos os arquipelagos que foram a espinha dorsal do Atlantico, desde as Bermudas a Tristão da Cunha, passando pelos Açores, as Canárias e Cabo-Verde. E já não falo do valor strategico da Corunha, da Baía de Vigo e do porto de Cadiz, que é uma das portas do Mediterraneo.

Quando hoje se sabe que uma só peça de 420, collocada na Sierra Carbonera, fora da zona desnacionalizada, pode arrazar Gibraltar em poucas horas ninguem deve pôr em duvida a alta importancia que teria para os nossos aliados num futuro, esperemos que próximo, esse accordo peninsular.

Não se trata, permitam-me que insista, de romper a velha aliança com a Inglaterra para selarmos outra com a Hespanha; mas sim, tendo-nos entendido previamente com a Hespanha, tratá-la commoço para a Aliança Inglesa.

Nada nos impediria então, nesse dia que Deus traga breve, de voltarmos de novo os olhos para o Oceano e para as civilizações vagoas, nossas filhas, que florescem na costa americana.

Um accordo subsequente ibero-americano fecharia o lago Atlantico, que fomos os primeiros a descobrir e a explorar.

Era o Sonho.

Realizado elle, nós, povo pequeno, que ainda não lográmos obter um lugar temporário em Conselho da Sociedade das Nações, tornaríamos a tomar palavra nos concilios do mundo, mas falando então por mais de 80 milhões de bocas.

Para que esse Sonho deixe um dia de ser sonho o Integralismo Lusitano conta convosco, mocidade, com a vossa fé ardentissima de portugueses, com a vossa flama patriótica de integralistas.

Continuai, intensificai a propaganda contra tudo e contra todos, retomai o timão da nave academica, que as insidias maçonicas conseguiram arrebatar-vos. E confiai até à morte, na boa ou na má fortuna, em vossos chefes como elles confiam em vós, na vossa juventude e na vossa galhardia.

Sussum corda!

II) de A. Correia d'Oliveira Guimarães

Camaradas:

São, unicamente, palavras de obediência aquelas que a *Junta Municipal do Porto* me encarregou de pronunciar n'esta hora alta de fé e de esperança, singularmente bela e jubilosa; e por serem palavras de obediência é minha a dobrada alegria de as haver escutado para as repetir aqui.

Ao exprimir palidamente, pela minha boca e pela minha voz, o seu propósito de inteiro acatamento e absoluta concordância às ordens e às directrizes políticas pela *Junta Central* traçadas, n'um roteiro luminoso que levará a vida portuguesa, depois de transposto o Cabo das Tormentas, a bom e seguro porto de salvamento, a *Junta Municipal*, a que me orgulho de pertencer, perfeitamente se integrou no alto sentido d'esta homenagem consagradora e glorificadora das virtudes e méritos excepcionais dos nossos dirigentes. Homenagem consagradora e glorificadora que é, afinal, uma nítida e segura afirmação de disciplina e de obediência, por parte de todos nós, soldados humildes do Integralismo, aqueles que foram os primeiros e mais ardorosos conductores do nosso pensamento e da nossa acção; aqueles que à noite lúrida, escurantada e trágica, expectante e abismadora — que mais parecia não terminar nunca — souberam trazer, louvado Deus, o brilho rorrejante das estrelas, o clarão do luar, o prenuncio vivo e certo da madrugada resgatadora; aqueles que souberam conquistar dignamente, em horas bem procelosas, pela luta cruenta e pelo sacrificio constante, o seu bastão de Chefes. E para chamar à rosa dos ventos e à consciência adormecida da Grey, o seu direito incontestável de orientação e comando sobre todos, todos aqueles que em Portugal professam as ideias do nacionalismo integral, que nos reanimos hoje aqui, em redor d'estas mesas e em comunhão fraterna de sentimentos e aspirações, vindos de longe, das planícies, das montanhas e das cidades, de todos e dos mais longínquos recantos da nossa terra, para confessar a confiança e a esperança no pensamento que nos dirige e na unidade doutriniária que a todos, chefes e soldados, fortifica e irmana, fazendo dos seus corações o lábaro ardente do próprio coração da Pátria.

Nós bem sabemos, camaradas, — e antes o não souberamos — que o *Integralismo Lusitano* se tem erguido e se vem erguendo ainda dos arruaes desorientados em que a bandeira brocante do Pelicano não flutua, uma grila de guerra, ensurdecadora e raivosa, que mais parece alarido de infelizes a cristãos do que o pacífico aplauso d'aqueles que em certas horas e oportunidades, nos afirmam a sua irmandade de ideias e de doutrinas, mascarando ao sabor das conveniências e dos arranjos suspeitos, os fundos antagonismos que hontem e hoje tem marcado decisivamente para connosco. Divergências, bem graves de atitudes, e, divergências, bem mais graves, de propósitos e de intenções, elas são d'aquelas que extremam e distinguem, como n'uma joeirada milagrosa, os sinceros dos interessados, os constantes dos volúveis, os honestos dos aventureiros.

Para que facilmente se atingisse o falso principio de uma união

monárquica — união illusoria e suicida pois que outro resultado não traria consigo senão o da quebra fatal da homogeneidade que amanhã nos dará infalivelmente a Vitória, — tentou-se desacreditar, levando-lhe em conta erros que não cometeu, a *Junta Central do Integralismo Lusitano*. Eis, chegada, porém, amigos, a hora fatal do desagravo — e que formidável desagravo este! — em que por terra caíram n'uma derrocada imensa, como se fossem trizadas bolas de sabão desfazendo-se à mais leve aragem ou movediças angras de areia arrastadas pelo oceano, as mil e uma traições, embustes e intrigas com que se pretendeu abalar as colunas jónicas bem lançadas e fortes — feitas do melhor granito de almas e pensamentos — que, n'um só bloco, constituem a nossa *Junta Central*.

Aqueles a quem a febre da luta e o desejo vivo de acção arrastaram para os atalhos perigosos da aventura, da habilidade e do oportunismo político — que a *Junta Central*, honra-lhe seja, nunca compreendeu, sancionou ou seguiu — depressa concluíram com amargura que em poeira e ilusão se transformára a sua ansia excessiva de triunfo. Os outros, aqueles que agiram sob o império de interesses inconfessáveis, de predileções caprichosas ou de ambições mesquinhas, talvez tivessem conseguido o termo das suas aspirações ao anicharem — se comodamente em qualquer dependência dos ministérios, em qualquer comissão de serviço público, em qualquer embaixada diplomática ou em qualquer secretaria do Estado.

Dos primeiros, porque era pura a sua fé e nobre e alevantado o seu caracter, muitos regressaram, como filhos pródigos ao lar paterno, depois de sucessivos fracassos, às posições que haviam abandonado nas nossas hostes e n'um grande acto de contrição que aos olhos da *Junta Central* os absolveu por certo das culpas, desvios e erros cometidos. Esses, eu os saúdo, alegremente, nas pessoas dos que, por ventura, adrenguem de estar aqui, e, na esperança de que o seu belo exemplo de fidelidade aos princípios do *Integralismo Lusitano* frutifique rapidamente e enquanto é tempo em tanta inteligência que ainda por ali erra desviada, perdida na selva escura dum sentimentalismo embaraçante ou duma confiança cega e louca em homens, organizações e princípios que a não merecem. Os segundos, os que tudo subordinaram às suas paixões de momento, trocando as incertezas distantes do Futuro pelas certezas e proventos do *imediató*, numa traição à sua consciência de tradicionalistas; os que pactuaram e transigiram, aceitando arranjos, combinações, e pactos; os que se esqueceram que o primeiro dever de todo o integralista é obedecer sem reservas nem condições e que esse dever redobra quando nele subsiste a consciência de bem ser dirigido e mandado, esses são cadáveres que foram toenbando, miseravelmente, na jornada e de quem nem mesmo a própria memória se salva. Adiante, sôbre eles — como aconselha a palavra luminosa de Sardinha.

Camaradas; a nós os que ficámos na unica posição politica portuguesa em que a coerencia da livremente o braço á dignidade, impo-nha-se, de facto, neste momento, um devêr a cumprir, a reparação, acto de humildade e desafiada que agora estamos prestando á *Junta Central do Integralismo Lusitano*. Por obca e graça dos nossos irmãos estudan-

tes, a quem eu louvo e agradeço, como integralista, a lembrança e a realisação feliz desta homenagem, eis chegada a oportunidade de dizer à *Junta Central*, em voz bem alta e com o coração nas mãos, para que ela melhor o compreenda e sinta, que nos tem a seu lado, abertamente e lealmente e que *estar a seu lado* é para a nossa consciencia recta de portugueses o mesmo que oferecermo-nos com alegria à rija peleja que contra a moirama vil desta terra cristã vai travada, prontos a dispendir os esforços e sacrificios que ela exige, tanto para lograr a derrota como para obter a victoria final. Queremos viver e sofrer e lutar junto d'ella, na sua dignificante, exaltadora companhia, acolhendo-nos filialmente à sua direcção paternal, semelhança daquelles simbólicos pelicanos que na nossa flamula se acóelhem sob a agasalhante e amorável caricia protectora das azas daquello, que do sacrificio do seu sangue faz, num heroismo verdadeiramente humano, uma razão de vida para os outros.

De hoje em diante nunca mais o estandarte do *Integralismo* será erguido nas mãos de qualquer de nós sem que essas mãos tenham sido sagradas pela coragem e pela lealdade. Por isso é que elle hade levantar-se bem alto, como um simbolo de Resgate, annunciando e encaminhando à História que Deus nos reserva e eu creio tão certa como a sinceridade que nos aquiesce ou a luz que nos alumina.

Mas o acto de obediencia que todos nós aqui viemos praticar, neste dia em que eu quero sentir renascer da glieba revolvida e para uma actividade ilimitada e persistente, para uma acção aturada e real, a hoste em perfume e em flôr do Integralismo é também um acto vigoroso de fé. Não há disciplina sem autoridade e sem obediencia, só a disciplina pôde trazer-nos o dia resgatador e aleluial de amanhã. Querer obedecer no presente é desejar vencer no futuro. Porisso, todos nós, integralistas, nos devemos prestar à alta lei da obediencia, esquecendo caprichos, birras, invejas, predilecções ou agravos, para que mais próxima seja a hora bendita do triunfo? Se a nossa victória tem que sêr cimentada pelo sacrificio inteiro do nosso sangue, da nossa alma ou da nossa vida, porque razão não lhe sacrificamos todos, desde já, a sua vaidade irritada ou o seu amor próprio ofendido?

Fiquem esses — os que desertaram por pouca firmeza e pouca fé, numa hora de fundo desalento, em que ao espirito dos acceptos não sorria a graça próxima do triunfo — com as satisfações materiais que a sua fuga lhes trouxe. Não desejamos nem invejamos a sua sorte de transfugas, porque nos basta, como precioso pergaminho da nossa mocidade, o orgulho legitimo de bem cumprir e de bem servir.

Obedecer neste revoltto momento de indisciplina e rebeldia satânica, equivaleria quasi a uma acção heroica, se fosse doloroso obedecer quando o fazemos livremente e sob o imperativo da nossa própria consciencia de portugueses. Obedecer não equivale a uma desonra ou a uma humilhação, desde que se obedeça a quem tenha o direito de exigir e de contar com a nossa obediencia. E nós devemos à *Junta Central* um duplo acatamento, não só porque ella possui a confiança de Quem poderia dar-lha, mas também porque no desmoronamento continuo de mo-

vimentos, de *crujadas*, de *ligas*, mais ou menos heterogeneas, mais ou menos transformadas em *escadas-magirus* para acessos rapidos e satisfações de vaidades ocas, organizações essas que por por esse país fóra tem esgotado, de há seis anos para cá, as deficientes possibilidades de vida e de victória politica que a tais agrupamentos incolôres pôde ser conferida, só a *Junta Central* ficou de pé, sem desertar do seu posto, sem que se visse obrigada a quebrar uma attitude de nobre coerência, inicialmente marcada com energia e com maior energia sustentada ainda. Atravez de todas as desilusões, tibiozas e fracassos, a *Junta Central* tem salvo sempre, graças à sua rigidez e à sua intransigencia, das tentativas dos aventureiros e dos sonhos desastrosos dos ingenuos, a dignidade e a beleza dos principios que defendemos.

Se outros motivos, e bem altos, não existissem para esta linda consagração, bastaria o facto da *Junta Central* sempre haver servido com consciência e com galhardia a doutrina que professamos para que fosse tão justa como urgente e tão urgente como necessária a homenagem vi-vissima de admiração e de glorificação que neste momento lhe rendemos.

Outros, que não eu, dirão aqui das assinaladas qualidades de espirito e de caracter que reservam aos membros da *Junta Central* um lugar sobranceiro e à parte na hierarquia dos valores politicos portuguezes. Eu quiz trazer-lhes, em nome dos meus companheiros, uma afirmação leal e clara de acatamento e não palavras de louvôr que seriam sinceras mas poderiam afignar-se banaes.

Como Mem Rodrigues, da Ala dos Namorados, qualquer dos homens de bom pensamento e de boa vontade que compõem a *Junta Central*, poderia, sem jactancia, repetir aquella risenha frase do moço alferes portuguez, «rapaz de lingua solta e coração ardente», no cerco de Coria, quando D. João I, melancolicamente irado, se queixava de que grande falta ali haviam feito os Cavalleiros da Távola Redonda, que se ali estivessem de-certo tomariam aquêle lugar:

— «Senhor, não fizeram aqui mingua os cavalleiros da Távola Redonda. Aqui está Martin Vasques, tão bom como D. Galaaz e Gonçalo, melhor do que D. Tristão. Eis aqui João Fernandes Pacheco, igual de Lançarote; e estou eu que valho tanto como D. Quexa...

Não fizeram mingua os cavalleiros que dizeis: o que nos faltou aqui foi o bom rei Artur, flôr-de-lis, senhôr dêles, que conhecia os bons servidores...»

E' verdade, amigos: na *Junta Central do Integralismo Lusitano* possuímos todos nós uma escolhida Távola-Redonda, tanto mais completa, porque a ela não falta, por graça de Deus, o bom rei Artur, não flôr de lis mas flôr de Aviz, senhor nosso, que bem conhece os seus servidores.

Camaradas: por tudo isto, erguendo bem alto a minha taça, eu bebo, em signal comovido de louvôr e de agradecimento, pela nossa *Junta Central*, que, neste admirável conclave nacionalista, vai ser eleita, pela segunda vez, condutora da nossa intelligencia, dirigente da nossa acção, depositária inteira e fiel do nosso enthusiasmo e da nossa esperança lusitanista.

PORQUE SERÁ?!!!

HÁ tempos um *quidam* do Porto, se não erramos, soprou o vento das grandes indignações nacionais contra o actual Ministro da Instrução, apresentando-o ao pretório da opinião pública, que no caso sujeito era unicamente a opinião jacobina, como plagiário. Que seria de nós, do prestigio da nossa cultura e das nossas Universidades, se o tal *quidam* nos não revelasse tamanha falta?!... Era certo que num trabalho do referido Ministro sobre Goethe, havia uns periodos, entre outros de muitos autores devidamente citados, que, por lapso, assim o explicou elle depois, não foram referidos ao seu autor.

Poremor insignificante numa obra de carácter didáctico, onde se encontrava citada quasi toda a bibliografia sobre o assunto versado, e, certamente, até o livro e o autor a quem pertenciam os periodos incriminados, nem por isso a «Seara Nova» no seu ódio vesgo ao professor e ao Ministro, através do último à situação politica que servia, deixou de fazer alarde de tamanha descoberta, no manifesto intuito de o aniquilar.

Foi o caso que, tendo Agostinho da Silva, se a nossa memória não falla, publicado na «Seara» um artigo sobre a nossa poesia antiga, disse haver muito quem a estude, mas pouco quem lhe apreenda o sabor e sentido intimo. Não juramos que sejam estas as palavras, mas é este o sentido.

Ora, o Prof. J. Joaquim Nunes, sobrejamente conhecido pelos seus trabalhos sobre a nossa poesia antiga veio à estacada, juntamente indignados pela parte que lhe cabia, fazendo inserir na «Seara» um artigo em resposta ao Sr. Agostinho da Silva. Isto passou-se na altura em que a «Seara» fazia cavalo de batalha da descoberta do tal *quidam*, de modo que, precedendo o artigo do Prof. J. Joaquim Nunes, vinham umas *lanchas* do Sr. Camara Reis, clamando que deixassem essas questões de *lanocrafrina*, porque um outro assunto mais alto se alevantava, envolvendo o prestigio da nossa cultura e das nossas Universidades. Depois, lá vinha a accusação do Ministro e do professor. Pois bem: tudo isso lá vai. Já sobre o caso se fez luz. A nossa cultura não morreu. pobre dela, nem as nossas Universidades abriram fallencia.

Agora, como todos sabem, o sr. André Velasco, copiou um trabalho do Professor, da Universidade de Louvaina, Defourmy, o qual apresentou, em concurso para professor, como trabalho seu. O júri, ao que parece, não deu pelo *trabalhinho*, mas Alfredo Pimenta servindo-se da sua vastissima cultura veio revelar a fraude em «A Voz». O sr. Velasco copiou tudo, titulos e capitulos, suprimindo apenas o que podia pôr em relevo a acção da Igreja Católica.

A «Seara» não chegou ainda o eco desta desmarcada vergonha.

A «Seara» que para si reivindica os papiros do *humanismo imparcial e critico*; a «Seara» tam empenhada em reformar a nossa mentalidade; a «Seara» que quer afinar a cultura d'este *reino cadaveroso* pela cultura europeia; a «Seara», senhores, não teve ainda uma palavra de censura ou de louvor (?) para o autor da façanha. Porquê? Para onde

foi a independência crítica a que tanto se errotava lá na casa? Porquê esse silêncio, quando para o Ministro houve tanta brevidade em proferir o veredictum condenatório? O Velasco é da grei, por isso...

E lembrar-se a gente que o plagiário esteve por triz para ser Ministro da Instrução e que durante uns anos foi professor numa das nossas Faculdades de Letras!... mas, enfim, pobre Velasco desculpa-se: foi fraco, fraquinho da moleira sobretudo, e fraquezas não há ninguém que as não tenha. O silêncio da «Seara» êsse é que... não tem explicação, lamos dizer, mas, afinal acudiu-nos: a independência crítica, a reforma da mentalidade e todos êsses palavões do costume, só se invocam quando se trata de agredir adversários.

Não que aquilo dea!... Que figura de Sancho Pansa faz aquêlle Camara Reis!...

Deixá-lo, em paz, coitado, porque o reino dêle já não é deste mundo.

Abrantes TAVARES

cinema: uma nova Arte

(CONTINUAÇÃO DO N.º 17)

Basta citar o aumento da frequência que se tem notado nos cinemas de Lisboa desde que se exibem fonofilmes.

Artisticamente essa conquista foi também formidável. Trouxe-lhe realidade e vida — e com elas mais persuasão. Scenas que silenciosas nos pareciam espantosas de poder evocativo e emocionante, hoje, estabelecido o contraste, afiguram-se-nos frias, distantes e mortas.

No entanto, ainda não se achou nenhuma formula que se possa considerar perfeita, e pela qual o fonocinema possa encarregar-se com segurança. Está-se ainda no período das tentativas, das descobertas, das experiências!

Cada filme que se vê é um novo passo, encerra uma novidade, rasga mais um pouco de horizonte. Mas a nenhum ainda dos que já vimos se pode atribuir a perfeição dentro da nova modalidade. Ainda esta época devemos admirar as obras que lá fora são consideradas mais notáveis, no sentido de orientadoras.

Creio que *Hallelujah* de King Vidor, *Melodig do mundo* de Ruttmann, e *Quatro de Infantaria* de Pabst são os três films mais interessantes, embora muitos mais de valor tenham já sido produzidos.

Por enquanto esperemos, mas com confiança e certeza, que o Cinema Sonoro saberá depressa alcançar-se às já muito razoáveis alturas a que o Silencioso subiu, mereço do talento dos Chaplin, dos Eisenstein, dos Sternberg, dos Murnau, dos Dreyer, e de tantos outros.

E certamente levará menos tempo nessa ascensão para uma perfeição relativa, porquanto aproveita a herança que lhe deixou o mudo, e que já é alguma coisa — pelo menos vinte anos de esforços, de lições e de experiência.

Domingos MASCARENHAS E SILVA

a propósito do PLANALTO de Fausto José

NESTE século de universal revisão em que os processos da Inteligência foram depurados justo é também que se depurem os processos da Sensibilidade.

Depurar os processos da Sensibilidade é quasi tudo em arte.

A Historia, as sciencias sociais, a Filosofia estavam pejudas de preconceitos, de ideias estabelecidas *«à priori»*, de convencionalismos.

O século XX alvorecendo foi precocemente atingido da tortura intelectual que lavrada gemendo ao peso de enormes acumulações convencionais.

Mas, depois, a nossa época reagiu, alijou bagagens que a sobrecarregavam e pensou por si.

O século introspectivo que conseguia pensar por si, tem o direito de sentir por si.

Sentir por si é concentrar-se, observar com sinceridade o reflexo que as coisas criam no seu Eu.

Tal attitude não é passiva porque Eu quero dizer alguma coisa, quer dizer originalidade, personalidade, alguma coisa diversa das outras, diferenciada e activa.

Sentir as coisas com a sua personalidade sem se importar com o que os outros sentiram, descobrir a sua alma, enfim, é a condição primeira de ser artista.

Ao cabo de tantos séculos de sensibilidade tal independência é custosa de manter.

O que nos outros foi arte pode deixar de o ser em nós.

O que foi sincera, profunda sensibilidade em muitos grandes artistas antigos pesa frequentemente sobre os novos como *hábito de sensibilidade*.

Bastamente poderíamos exemplificar o que dissemos: sentimentos feitos, palavras que empregamos associadas sem sentir, certos temas, modos de exprimir emoções, etc...

E não são poucos os *artistas* cujas obras se reduzem a misturas de hábitos, obras em que a personalidade é chama que morre asfixiada.

Queremos uma arte que seja a expressão da personalidade de cada um e não o seu jazigo, embora harmonioso de linhas e de formas, mas jazigo, sem vida e sem vibração pessoal.

Encontrando-nos, encontraremos os outros por um caminho diferente. Aqui reside o caracter simultaneamente humano e pessoal da arte.

Não encontraremos os outros nem a nós mesmos, ladeando as exterioridades mortas, as cristalizações verbais ou emocionais duma força desconhecida, dum Eu que não é o nosso.

Há um caminho mais simples: o *nosso* — que convergirá na encruzilhada profunda e autenticamente humana de onde os outros partiram. Dali traçaremos o nosso com os nossos olhos, com os nossos ouvidos, com o nosso coração.

É o caminho deverá ser fatalmente diferente porque alguma coisa devemos ter de diverso do que os outros têm, senão não éramos outros.

Em resumo: quanto mais depurado for o estado de criação artística mais humana e pessoal se torna a arte.

Ser original de qualquer forma, pretender sê-lo objectivamente antes de o ser subjectivamente não é verdadeiramente ser original.

Atingido o centro é dele que tem de partir a devolução artística.

Os que pretendem ser originais pura e exclusivamente por malabarismos de forma, por exterioridades extravagantes, por arranjos bizarros só denunciam a sua incapacidade introspectiva.

Ficam a meio do caminho do seu Eu. São decoradores dum fundo sem cor e não podem deixar de ser considerados convencionais porque um único convencionalismo pôde ser admitido em arte: exprimir sinceramente aquilo que se sente, isto é, não sermos convencionais.

Exprimir o que se sente, pede uma explicação. A arte é do homem para o homem.

Por isso tem de ser essencialmente humana.

Há sentir com a alma, isto é, humanamente, e sentir só com os sentidos ou seja como os animais. Este modo de sentir produz uma forma incompleta de arte.

O artista que se detem nesta atitude não é um verdadeiro artista, não consegue verdadeiro humanismo.

É um artista de periferia, um artista longe do centro, que se não atinja a si próprio, que não executou a concentração necessária para se integrar no verdadeiro Eu.

Além das coisas e das percepções das coisas reside a vida da Arte.

Isto vem a propósito do «Planalto» de Fausto José, um novo que sabe ser poeta. Um novo que depurou a sua sensibilidade. Que soube encontrar-se. Em cujos versos as coisas se exprimem embebidas da sua alma.

As suas paisagens não são bem paisagens, mas almas de paisagens. Penetra por vezes com profundidade o sentido afetivo dos seres. Transcende os corpos. Empréstas-lhes vida.

Nalguns momentos há só o poeta e as coisas exteriores: nada dos outros homens além do que é específico.

Da poesia «Cegos» uns versos de pura, de essencial emoção:

Ri a seus pés a ironia
da luz branca, da luz fria
da tarde, sem piedade...

na minha alma se insinua
quasi desfeita e ali morre
em penumbra de humildade!

E aquela voz triste e nua,
vaga, fluida, mole escorre
vai em penas pela rua,

Para a solidão imensa
imana das suas vidas;
das atitudes suspensas
das suas fronteiras vencidas.

Francisco da CUNHA LEÃO

ao ritmo da ampulheta

O BANQUETE DO LUSO

NOTAS FURTIVAS DO CANTINHO DUM ESPETADOR

Krenz conta de 11 1/2 horas de manhã do dia 1 de Dezembro quando chegou ao Hotel Lusitano, ao Luso, o grupo do Porto. Chefiavam o Dr. Maria Cordeiro, médico dentista e um dos mais inapetíveis e desadidos pilandros do Integralismo. Chegaram na véspera à noite, já se encontravam no Luso os Srs. Drs. Luis d'Almeida Braga e Alberto de Moniz.

Trocaram-se os primeiros cumprimentos e os primeiros abraços. Evocaram-se os primeiros combates, contaram-se episódios, falou-se da presente sem desaximo e do futuro com fé.

Pequenos grupos formados ao sabor das simpatias habituais debandam a comêdo de Baçoco e da Cruz-Alta enquanto não chega a hora do almoço.

Feito do meio dia começa o interminável vai-vem dos automóveis. Gente de Aveiro que chega. Uma salva de palmas: é o Dr. Hipólito Raposo e a gente de Lisboa que acabou de chegar.

Um clamor de arrematadas e vivas, rajada de alegria que de alegria alaga todos os corações, clamor que decapota e se repete por quebradas e montes anuncia o grupo de Coimbra. Mais do que estudantes e alguns operários. Chefia-o o Dr. Carlos Freire, um dos mais formosos talentos da nova geração, sócio da primeira lista do bote consulto pela restauração do Portugal português.

O barulho aumenta de instante a instante. Na rua o barulhar dos automóveis e o ruído dos motores galgando a estrada é cada vez mais ensurdecedor.

Quem vem lá? — Gente da Beira. O Dr. Rolão Preto é recebido com uma salva de palmas. Lá vem o grupo da Covilhã. O núcleo de Vila-da-Serra, gente da Sabugal.

Os corredores e salas do Hotel encontram-se repletas. Mais gente: de Lameira, da Guarda, de Viseu...

Às 13 1/2 em ponto, coisa que por encanto, em toda aquela mole faz-se um silêncio profundo: vai-se hasteada na va-

zentis e onde do Hotel a bandeira do Integralismo Lusitano. Uma vez certa o silêncio agilmente como em clareira: Semidul Perpetua um tributo de êxtase. O silêncio torna-se mais denso, mais possido, mais impenetrável.

Ilá alguns marcejos de lágrimas. Igada a bandeira — a mesma que há 6 anos, na uma tarde suavissimas e tristes cobriu o atauda de António Sardinha — e logo rebôa uma quente salva de palmas que se prolonga por muito tempo e a que se associa o eco repetatando-se de quebrada em quebrada.

Às 14 1/2 é aberto o amplo salão do banquete. No topo de horas o estandarte das Organizações Integralistas da Cidade da Virgem. Nos mecos, ornamentadas com simplicidade e bom gosto ré se retratam de El-Rei. O Dr. Hipólito Raposo assume a presidência. O banquete começa: ementa portuguesa, vinhos portugueses. Conversa-se animadamente. O Dr. Artur Torre fala da acção que a J. M. L. vai exercer.

O Sr. D. Fernando de Távares e Távares combina a organização da J. P. B. M. Palazze da J. M. Pessançôr. O Dr. Mendes Guerra, do Sabugal, percorre do ao de Maio e infatigável pilandiro das liberdades municipais, quer acção, mais acção!

Sócio! O Dr. Hipólito Raposo ergue, num brinde é toda usança portuguesa, a sua taça por El-Rei. Prolongada salva de palmas. Vivas vibrantes. O Dr. Carlos Freire dá a palavra ao Dr. Luis Chaves da J. P. B. que num belo impetuo, depois de homenagear a J. C., contem por propor como tema do novo período a frase celebre de Pequito Rabalar: só precisa, mais do que nunca, falar de Integralismo a propósito e a despropósito de todos.

Fala o Dr. Maria Cordeiro da J. P. D. Discurso cheio de usocidade! Palavras fortes que éra preciso dizerem-se. Saida a J. C. Faz o elogio do grande português que é Hipólito Raposo.

A assistência de H. tributa a Hipólito Raposo a mais prolongada, sincera e entusiástica oração que ainda nos foi deão ouvir.

Os pares de Hipólito Raposo levantam-se e vão abraça-lo. Um estudante põe-lhe sobre os hombros a sua capa.

ao ritmo da ampulheta

O Dr. Moreira da Cunha fala sobre o nacionalismo germanico concluindo por afirmar a necessidade de renovar o velho integralismo em ordem a um maior dinamismo e vida e J. C. E' dado a palavra ao Sr. D. Fernando de Tavora e Tavares da J. P. B. M. O illustre ditador em curtas e sobrias palavras diz do encargo desta festa, traga o elogio da J. C. e fala dos laizes de obediencia e disciplina que é mister apertar cada vez mais.

Discursam agora os nossos queridos camaradas Dr. Mendes Guerra da I. P. B. B., Dr. Artur Tomé da J. M. L., Antonio Correia d'Oliveira Guimarães da J. M. Porto e Dr. Fernando Correia Santos pela J. M. C. Pela «Resolução pela Acção» e pela «Política» falam os nossos camaradas Alberto Silva, Miranda da Rocha e Cearense Castanho, Felis J. E. de Coimbra Lisboa e Porto falam traduzindo o pensar e sentir das camadas moças do Integralismo os nossos camaradas João Chaves, Pinto de Lencastre e Baptista que poestam à J. C. o perfil de homenagem e incondicional obediencia dos egualitarios integralistas.

Levanta-se para falar o Dr. Hipólito Raposo que após curtas palavras, em que traduz o agradecimento da J. C. à homenagem de «vrias Juntas» e protesta depois o notável discurso que publicamos no numero n.º anterior.

Após terminar a assistência de pé, tributa ao illustre orador e bom português uma prolongada oração.

Fala em seguida o Dr. Rêgo Preto cujo discurso profundamente impressionou pelo desasombro e pela nobreza. No final da sua oração El-Rei é vibrantemente aclamado e o distincto orador recebe uma calorosa salva de palmas.

Fala agora o Dr. Afonso Lúcia. Poucas palavras mas cheias de sinceridade e actualizações entusiasmadas. A sua oração subconsciente ao tema «Creio, quero, hei-de vencer!» que ultria como lema à J. E. L., é coroada por muitas palmas.

O Dr. Luis d'Almeida Braga com admirável discurso de apurado recorte e vibrante entusiasmo exorta a mocidade a combater sem desceio no bom combate e diz da sua esperança na victória. Prolongada oração.

O Dr. Alberto de Moraes proferia a

notável lição de politica internacional que neste lugar reproduzimos e que é constantemente entrecortada de largas aplausões.

São 20 horas. O Dr. Hipólito Raposo repete os agradecimentos e dá por findo o banquete brindando uma vez mais por El-Rei.

Cá fora é já noite fechada. Começam as despedidas, os abraços e por muito tempo se prolonga o rum-rum das motora das autos e camionetas cujos faróis alancam o segredo do céu de ristas luminosas.

Um espectador silencioso

A' MARGEM DO BANQUETE

A certa altura do discurso de Hipólito Raposo a bandeira da J. C. que havia sido arriada ao pôr do sol é conduzida para a sala do banquete e colocada sobre os hombros do orador ao final do seu discurso.

Quando Alberto de Moraes após a voz de «sentido» vai nomeando os mortos do Integralismo Lusitano a assistência ergue em voz alta o Padre-Nosso.

Quando Hipólito Raposo, a certa altura se refere ao assassinato de Moraes Sarmento, saltam-se de todas as bôças alusões à Maçonaria.

Quando Alberto de Moraes diz: «entre Briand e Stalin não houve a assistência exclama «uma voz»: perfissemos Stalin».

A meio do banquete foi enviado um telegrama de saudação a El-Rei.

Quando o Dr. Mário Guerra evoca o nome de Lello Ramos Associação a assistência solta uma salva de palmas.

Durante o banquete foram lidas varias cartas e telegramas.

CABRAL SACADURA

Interno [de Cirurgia dos Hospitais Cívis
Partos — Sífilis

CONSULTAS

Largo José Fontana, 12-2.º (às 10 horas)

DR. MARIO CARDIA

Médico dos Hospitais

Doenças das senhoras

Partos, Cirurgia

Tratamentos pelo rádio e electricidade
AVENIDA DOS ALIADOS, 41 1.º - PORTO

— TELEPHONE 9907 —

MIRA DA SILVA

MÉDICO

Avenida Almirante Reis, 57-A, 1.º

LISBOA

DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívis
CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33-Tel. C. 3330

A's 14 horas

DAFUNDO: R. Paulo Duque

A's 17,30 horas

Não há CAFÉ como o de

A

PAULISTANA

À venda no

Largo de S. Domingos, 12 e na

Av. F. Pereira de Melo, 52 52-B

CASA DOS PANOS

A 1.ª casa da especialidade

Sortimento completo em

Panos brancos e Linhos

Tecidos de côr para rou-

pa de Senhora. Sarjas

brancas, Sarjões crus,

: : : etc. : : : :

Serviço rápido de amostras para

PROVINCIAS E ILHAS

Esquina da Rua de S. Julião

45, R. dos Panqueiros, 49

AFONSO LUCAS

ADVOGADO

Rua Arco Bandeira, 70 2.º

TELEPHONE C. 642

LISBOA

Martinho Nobre de Melo

ADVOGADO

Rua de Santa Justa, 82. 2.º

TELEFONE NORTE 4233

LISBOA

Antonio J. Freire

Clinica Médica-Psicológica

Consultório: Rua de S.ª Justa, 6, 1.º

Às 2.ª, 4.ª e 6.ª — Das 15 às 18 h.

TELEFONE TRINDADE 3554

Residência: R. da Junqueira, 279, 1.º

TELEFONE GREEN 497 — LISBOA

DR. AMARAL PYRRAIT

MÉDICO

Consultório — Rua Archieta

LISBOA

